

---

## ***Cartes de Visite* e a construção do imaginário visual do negro no século XIX<sup>1</sup>**

Mariane Camargo Soares<sup>1</sup>  
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### **RESUMO**

O presente artigo visa explorar o papel da fotografia no estilo *cartes de visite* na construção do imaginário visual do negro no século XIX. Através da análise de conteúdo e revisão bibliográfica, o estudo examina os *cartes de visite* de três fotógrafos oitocentistas que residiram no Brasil na segunda metade do século. A fundamentação teórica se baseia em autores que abordam temas como fotografia, colonialismo e representação do negro sob uma perspectiva decolonial. Os resultados indicam que essas fotografias desempenharam um papel crucial na formação de percepções sociais sobre a população negra, reforçando estereótipos racistas no imaginário visual coletivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** fotografia; cartes de visite; representação; racismo; escravidão

### **INTRODUÇÃO**

A introdução do daguerreótipo marcou a fotografia brasileira no século XIX. Contudo, além de seu uso para registro, a fotografia também serviu como instrumento de controle e dominação cultural. Era considerada um "registro da verdade" e estava disponível principalmente para os mais privilegiados em termos de poder aquisitivo.

Nesta proposta de artigo será analisada a imagens de três fotógrafos europeus que desempenharam seus ofícios no Brasil oitocentista: Christiano Junior, Alberto Henschel e Augusto Stahl, que produziram registros de *typos negros*, *typos de exóticos*, ou *typos do país*, tendo realizado imagens exclusivamente de escravizados, vendidas, em geral, no formato de *cartes de visit* com o intuito de comercializá-las como souvenirs para estrangeiros.

---

<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano. PPGMC/UFF, email: [marianecs@id.uff.br](mailto:marianecs@id.uff.br)

Essas fotografias eram criadas sob uma narrativa fictícia de harmonia, idealizando o mito da democracia racial, ainda pré-concebido na época, e reforçavam a ideia de que havia uma relação harmônica entre povos escravizados e colonizadores.

O anúncio de Christiano Jr. no Almanaque Laemmert em 1866 revela um pouco desse processo: *“Variada coleção de costumes e typos de pretos, cousa muito própria para quem se retira para a Europa”*, sendo o estilo fotográfico mais popular e lucrativo na época.

Analisando esse contexto da fotografia no final do século XIX, a representação da população negra foi moldada exclusivamente em um campo hegemônico de fotógrafos brancos, dentro dos padrões do colonialismo. A partir do neocolonialismo, surgiu a construção de um padrão eurocêntrico, baseado em uma ideia de alteridade colonial, que foi difundido no mundo como uma única estética possível, excluindo tudo que não pertencesse a esse padrão. O eugenismo que muito se nega que existiu no Brasil, o que não pertencia a esse modelo era visto como algo inferior ou subalterno, deslegitimando culturas ancestrais de povos originários.

Uma parte dessas fotos foi explorada na chave do exótico, e vendida na forma de cartões-postais como souvenir aos estrangeiros, colecionadores e/ou curiosos, atendendo, sobretudo, à demanda do mercado europeu no período. As imagens colecionadas eram “entretenimento”, mas também ajudavam a (re)afirmar o sentimento íntimo de superioridade dos consumidores. (KOUTSOUKOS, 2006, pg. 111)

Essas representações foram intensificadas pelo racismo científico do século XIX, que promovia a ideia de superioridade racial para justificar a escravidão, exploração e opressão dos povos considerados inferiores. Sendo assim, a fotografia teve e ainda mantém um papel fundamental na construção de imagens sociais, exercendo influência nas percepções de imaginários coletivos. Por meio de uma análise histórica, é possível identificar como a fotografia foi empregada como uma ferramenta de poder para perpetuar estereótipos raciais e culturais.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano. PPGMC/UFF, email: [marianecs@id.uff.br](mailto:marianecs@id.uff.br)

## **CARTES DE VISITE E A REPRESENTAÇÃO VISUAL DO NEGRO NO SÉCULO XIX**

Os Cartes de Visite, foi o estilo fotográfico mais difundido na época durante o colonialismo europeu entre todos os gêneros praticados e funções cumpridas pela fotografia na época e um dos principais motores da construção do imaginário visual do negro no século XIX, “especula-se que mais de 90% das fotografias realizadas no referido período sejam retratos, em sua maioria no formato carte de visite”. (JAGUARIBE 2007, p. 45). Impressa num papel albuminado com pouca espessura, com a dimensão de 54 mm por 89 mm, aplicada num cartão mais espesso, com 64 mm por 100 mm, este modelo de fotografia atendia a demanda de forma rápida e acessível, sendo possível produzir várias cópias da mesma imagem.

A imagem do corpo negro nos Cartes de Visite ilustra o regime colonial da época, com o conceito de alteridade colonial é possível observar nos retratos de povos escravizados relações de contraste social. A arte e a fotografia se tornaram ferramentas poderosas para disseminar essas ideias, solidificando a crença de que os negros ocupavam uma posição de inferioridade natural na hierarquia racial, sendo frequentemente retratados em contextos exóticos, como servos ou figuras decorativas, eram a força produtiva que não detinham nenhum poder, nem sequer sobre o próprio corpo.

Fotografias encenadas, gestos pensados, cenas posadas, cada detalhe da composição, desde a postura dos modelos até os elementos presentes no enquadramento, era idealizado para atender a um propósito comercial. Essas imagens, muitas vezes destinadas ao consumo externo, buscavam reforçar a ideia de um país tropical exótico e atraente. O exotismo, construído visualmente, atendia às expectativas estrangeiras, oferecendo uma representação romantizada e distorcida da realidade, onde a vida cotidiana dos indivíduos retratados era moldada para se adequar a uma visão idealizada e mercantilizada do Brasil.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano. PPGMC/UFF, email: [marianecs@id.uff.br](mailto:marianecs@id.uff.br)

Nem o olhar, nem os gestos, ou sequer as poses dos escravos exibem sinais daquela reciprocidade. Enquanto o burguês adquiria a revelação de sua imagem social, o escravo alugava sua aparência, algo que, a rigor, assim como sua força de trabalho, não lhe pertencia. Destituído de um caráter individual, o escravo não podia dar-se como persona, mas apenas como tipo, algo que era inadequado ao formato *carte de visite*. (JAGUARIBE, 2007, p. 55)

No imaginário social da população brasileira corpos negros são colocados em lugares de subalternidade, a colonialidade altamente ligada a modernidade nos fornece as razões pelo qual a virada de chave das tecnologias trouxe também a criação de racismos e imagens baseadas na percepção de valor e beleza europeus.

**Figura 1**



**Fonte: Alberto Henschel – Acervo Instituto Moreira Sales – 1869 - Salvador/BA.**

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano. PPGMC/UFF, email: [marianecs@id.uff.br](mailto:marianecs@id.uff.br)

Nas fotografias oitocentistas de Alberto Henschel, duas mulheres escravizadas, conhecidas como "escravas de ganho", atuavam como quitandeiras. Essas mulheres trabalhavam nas ruas das principais cidades, montando barracas ou carregando tabuleiros, e desempenhavam um papel fundamental ao garantir a alimentação da população.

A singularidade dessas imagens está no fato de que os escravizados, em sua maioria, não são retratados como indivíduos, mas como "*tipos de negro*" ou exemplos genéricos das atividades que realizavam. As legendas dos cartões reforçam essa visão estereotipada, com descrições como "*tipos exóticos*", "*tipos do país*" ou "*escravo vendedor de cadeiras*". As figuras são frequentemente apresentadas em pé, no centro do quadro, de frente ou de perfil, de modo a destacar com clareza suas características físicas, vestimentas e ferramentas de trabalho.

As imagens revelam indícios de uma cena cuidadosamente dirigida, onde a posição dos corpos e o cruzamento de olhares evidenciam que a fotografia foi encenada. Essa composição sugere que, além de explorarem seu trabalho, escravizados também estavam ali para "alugar" sua imagem. A pose e o enquadramento reforçam a ideia de que suas aparências estavam sendo manipuladas e expostas para atender a uma visão preconcebida, refletindo a objetificação e o controle do regime colonialista da época, isso contribuía para criar uma narrativa fictícia de harmonia, reforçando o mito da democracia racial e sugerindo uma convivência pacífica entre colonizadores e povos escravizados.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano. PPGMC/UFF, email: [marianecs@id.uff.br](mailto:marianecs@id.uff.br)

**Figura 2**

**Fonte: Escravo de ganho carregando cadeiras, [1864-1865]. Rio de Janeiro/RJ Museu Histórico Nacional.**

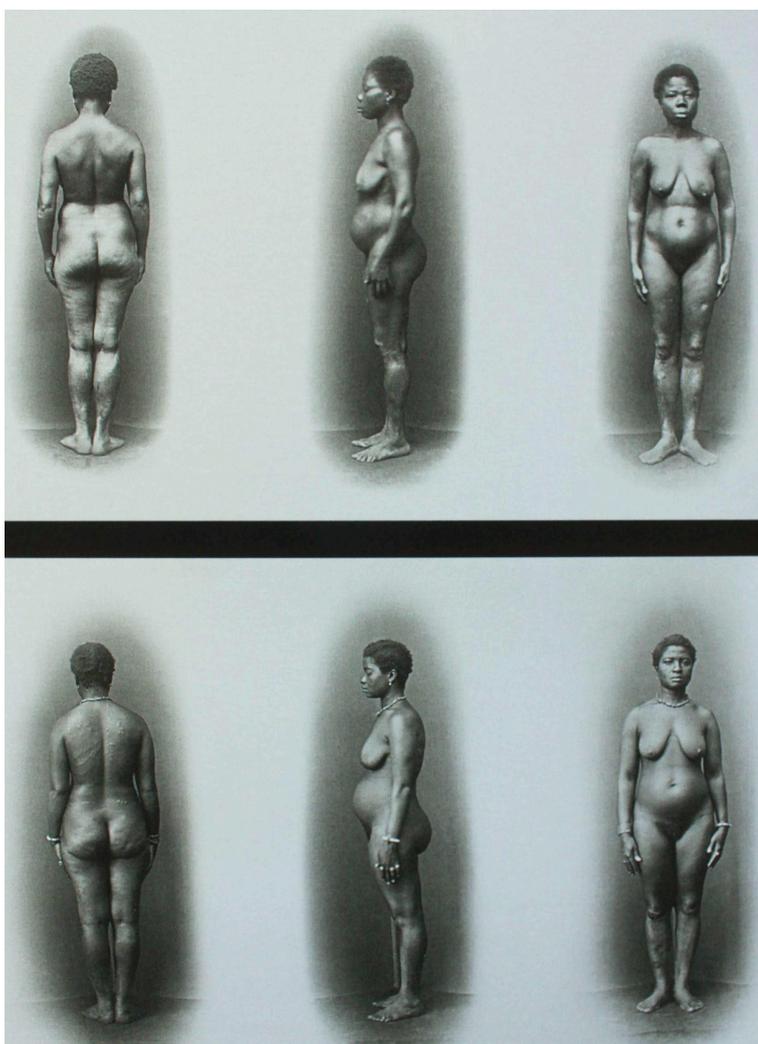
Nas fotografias assinadas por Christiano Júnior, os negros retratados parecem estar submetidos a uma forma de coação, o que é evidenciado pela rigidez de suas poses, poucos dos modelos ousam encarar a câmera diretamente e, quando o fazem, alguns exibem expressões que demonstram medo ou desconforto.

As imagens transmitem uma narrativa de escravos obedientes e submissos, cuidadosamente disciplinados sob o controle de seus senhores. Não há qualquer menção visual às fugas, revoltas ou à resistência cotidiana dos escravizados, tampouco ao clima de tensão e mobilização, em vez disso, o que se observa é uma representação de cativos pacificados, que oculta as lutas pela liberdade e reforça a ideia de uma ordem social estável e inquestionável.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano. PPGMC/UFF, email: [marianecs@id.uff.br](mailto:marianecs@id.uff.br)

No século XIX, a ciência positivista acreditava que tudo o que era capturado por uma fotografia representava, de forma objetiva, a verdade, nesse contexto, os retratos focados nos rostos e corpos de pessoas escravizadas serviram como base para estudos do racismo científico, uma pseudociência popular na época que tentava estabelecer uma relação entre as características físicas e o caráter ou intelecto. Esses retratos, muitas vezes feitos sobre fundos brancos, buscavam transmitir uma suposta imparcialidade científica, no entanto, essa neutralidade era apenas aparente, pois, essas imagens carregavam uma conotação científica que reforçava estereótipos raciais, justificando preconceitos sob o disfarce da objetividade.

**Figura 3**



**Fonte: Augusto Stahl – FAPESP - São Paulo/SP.**

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano. PPGMC/UFF, email: [marianecs@id.uff.br](mailto:marianecs@id.uff.br)

---

Estes estudos pseudocientíficos são altamente ligados posteriormente a criação de estereótipos raciais na mídia, a citação de Stuart Hall revela como os estereótipos foram amplamente explorados no campo visual, especialmente em caricaturas e ilustrações, reduzindo os negros a traços físicos simplificados, como lábios grossos e cabelo crespo.

O uso de estereótipos de negros na representação popular era tão comum que os cartunistas, ilustradores e caricaturistas conseguiam reunir toda uma gama de "tipos negros" com apenas alguns traços simples e essencializados. Os negros foram reduzidos aos significantes de sua diferença física - lábios grossos, cabelo crespo, rosto e nariz largos e assim por diante. (HALL, 2016. Pg. 173)

O avanço da fotografia ocorreu em paralelo à prevalência do racismo e a uma visão excludente da população negra, embora houvesse progresso tecnológico, esses avanços não foram acompanhados por reparações históricas. Descendentes de pessoas escravizadas herdaram não apenas traumas, mas também as consequências de um sistema que marginalizou e desumanizou seus antepassados. Assim, a evolução da técnica fotográfica, em muitos casos, foi utilizada para perpetuar visões preconceituosas, sem que houvesse um esforço correspondente para enfrentar ou corrigir as injustiças históricas.

## **METODOLOGIA**

Este estudo se propõe a realizar uma investigação acerca da representação do negro na fotografia, reconhecendo a emergência desse tema como objeto de estudo a ser explorado. O foco recai sobre o século XIX, época marcada pela ascensão do racismo científico, e o nascimento da fotografia como manifestação artística e representação do real.

O artigo adota como metodologia a revisão bibliográfica, com foco na análise de autores que discutem a representação do negro na fotografia sob uma perspectiva decolonial. Através da análise de conteúdo, serão examinados os símbolos e signos presentes nas imagens dos fotógrafos oitocentistas, com o objetivo de ampliar a visão crítica sobre as representações visuais do negro. Esta abordagem visa desvelar como essas imagens contribuíram para a construção e perpetuação de estereótipos e ideologias

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano. PPGMC/UFF, email: [marianecs@id.uff.br](mailto:marianecs@id.uff.br)

---

raciais, proporcionando uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder e identidade racial na época.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao explorarmos as origens desse problema, será fundamental recorrer a autores e fontes que abordam temas como a representação do negro, fotografia, e racismo temas atravessados pela perspectiva decolonial. Essa abordagem nos proporcionará uma base teórica que nos permitirá compreender como o racismo introduzido desde os primeiros aparatos fotográficos perdura até os dias atuais nas mais diversas instâncias.

Stuart Hall (2016) e Bell Hooks (2019) fornecem uma compreensão aprofundada das dinâmicas de poder envolvidas na representação visual do negro, especialmente no que se refere à compreensão da representação do negro nas mídias. Ambos os autores exploram profundamente a criação de imaginários sociais, a visibilidade, e os símbolos e signos presentes nesse contexto. Hall, renomado por sua teoria da recepção, destaca como as representações, incluindo a fotografia, são interpretadas pelo público e incorporadas nos discursos sociais. Hooks, por sua vez, oferece uma perspectiva crítica sobre a visibilidade e a representação do negro, enfatizando a necessidade de uma abordagem decolonial para desafiar e redefinir essas imagens.

Frantz Fanon (1968) oferece uma análise profunda sobre os efeitos do colonialismo e a luta pela descolonização. Ele explora como o colonialismo desumaniza tanto colonizados quanto colonizadores, perpetuando um ciclo de violência. Além disso, examina o impacto psicológico do colonialismo, incluindo a internalização da inferioridade pelos colonizados e a busca por uma nova identidade pós-colonial. Suas reflexões são essenciais para compreender as dinâmicas de poder e resistência em contextos coloniais e pós-coloniais, como afirma Fanon:

Numa palavra, o Terceiro Mundo se descobre e se exprime por meio desta voz. Sabemos que ele não é homogêneo e que nele se encontram ainda povos subjugados, outros que adquiriram uma falsa independência, outros que se batem para conquistar a soberania, outros enfim que obtiveram a liberdade plena, mas vivem sob a constante ameaça de uma agressão imperialista.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano. PPGMC/UFF, email: [marianecs@id.uff.br](mailto:marianecs@id.uff.br)

---

Essas diferenças nasceram da história colonial, isto é, da opressão. (FANON, 1968. pg. 6)

A categoria de "colonialidade do poder" de Aníbal Quijano (2005) será fundamental para sustentar a análise deste artigo. Esse conceito aborda a persistência das relações de poder e hierarquias coloniais que continuam a influenciar as estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais contemporâneas em diversas regiões do mundo.

A formação de relações sociais fundadas nessa ideia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população. (QUIJANO, 2005 pg. 117)

Esse arcabouço de poder transcende a mera dimensão geopolítica da colonização, abrangendo esferas mais amplas, como a colonização do conhecimento, da identidade e da relação com a natureza. Portanto, a hierarquia resultante é mantida por sistemas de opressão e discriminação, tais como racismo, sexismo e eurocentrismo, que perpetuam desigualdades e injustiças tais questões se reverbera na fotografia, o objeto de análise.

## CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA E CONCLUSÃO

Este estudo analisa a utilização da fotografia no Brasil durante a segunda metade do século XIX como uma ferramenta de dominação cultural. Fotógrafos europeus produziam imagens que retratavam povos escravizados sob uma narrativa ficcional de harmonia racial, criando estereótipos exóticos e sustentando teorias de superioridade racial. Essas representações históricas influenciaram e continuam a influenciar percepções contemporâneas de identidade e poder, destacando a importância de uma análise crítica das imagens produzidas naquela época e suas consequências até os dias atuais. Reflexões como essa contribuem para um maior entendimento das desigualdades

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano. PPGMC/UFF, email: [marianecs@id.uff.br](mailto:marianecs@id.uff.br)

---

sociais e raciais presentes na sociedade brasileira e para a promoção de narrativas mais inclusivas e representativas.

Entender o impacto dessas imagens produzidas no início da criação dos aparatos fotográficos, transcende o contexto histórico, representando um exercício crítico essencial para questionar narrativas predominantes e incentivar uma reflexão sobre as implicações duradouras da representação visual na formação de identidades e dinâmicas de poder na sociedade. Bem como, a manutenção da imagem da população negra em lugares de subalternidade em diferentes instâncias midiáticas, como nas novelas e nas notícias jornalísticas.

Além de sustentar a ideia da necessidade de promoção de narrativas inclusivas e representativas na sociedade brasileira atual, fora da estética eurocêntrica. Isso envolve abrir espaço nos meios de comunicação para fotógrafos e modelos que fogem dos padrões impostos pelo colonialismo. Essa abertura possibilita a criação de novas narrativas por meio de sujeitos autorepresentativos, ou seja, artistas negros e/ou moradores de comunidades que trazem autenticidade na representação de suas identidades. O objetivo é buscar uma representação midiática democrática que esteja em sintonia com a cultura diversa existente.

Além da importância da descolonização do olhar, Ariella Azoulay (2010) propõe uma reflexão sobre o encontro fotográfico como um processo que envolve negociações políticas. Ao compreender essa relação como uma negociação de poder, e considerando seus precedentes históricos, podemos desenvolver uma análise crítica sobre as ausências plurais e os agentes responsáveis por essas escolhas. Quem decide quem é incluído ou excluído de uma fotografia, e com quais motivações? Quem determina os corpos que aparecem com maior frequência em nossas redes sociais, e por que isso ocorre? O debate sobre a inclusão e exclusão, conforme discutido por Azoulay, evidencia a necessidade urgente de nos apropriarmos das câmeras de forma consciente, a fim de promover uma prática fotográfica que esteja alinhada com os princípios da descolonialidade.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano. PPGMC/UFF, email: [marianecs@id.uff.br](mailto:marianecs@id.uff.br)

---

Por fim, este artigo se justifica pela necessidade de compreender as intrincadas relações entre a fotografia, o racismo na construção de imaginários coletivos. Além disso, busca reconhecer o poder da imagem na promoção da igualdade e da diversidade, reforçando a importância de uma análise crítica e sensível sobre essa temática.

## REFERÊNCIAS

AZOULAY, Ariella. 2019. **Desaprendendo as origens da fotografia**. Zum. Revista de fotografia. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-17/desaprendendo-origens-fotografia>. Acesso em: 26/06/2024

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Companhia das Letras, 50ª edição. Global Editora, 2004.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Editorial: PUC-Rio: Apicuri. Rio de Janeiro, Brasil, 2016.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

Instituto Moreira Salles. **Projeto Série de Palestras Negras Imagens: Formação a partir do Acervo IMS** (livro eletrônico). São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLC90FSGUmLhTea9JqwO0fWMiwlcR-Wdtb>. Acesso em: 26/06/2024.

JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real: estética, mídia e cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **No estúdio do fotógrafo: um estudo da (auto-)representação de negros livres e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX**. Tese (Doutorado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

MENDES, Ricardo. **O limiar interrompido: a presença de autores negros na fotografia brasileira antes da década de 1950**. Boletim FotoPlus, nº 54, jan/mar.2021. Disponível em: <http://www.fotoplus.com/duas/?p=733>. Acesso em: 25/06/2024.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires. CLACSO, 2005.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano. PPGMC/UFF, email: [marianecs@id.uff.br](mailto:marianecs@id.uff.br)